

J . A . R E D M E R S K I

ENTRE O
AGORA
E O
NUNCA



J . A . R E D M E R S K I

ENTRE O
AGORA
E O
NUNCA

Tradução
Michele Vartuli



Copyright © 2012 by J. A. Redmerski

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

The Edge of Never

Capa

Adaptação de Trio Studio sobre design original

Imagem de capa

Jasmina/iStockphoto

Revisão

Ana Grillo

Mariana Freire Lopes

Fatima Fadel

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Abreu's System Ltda.



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R251e

Redmerski, J. A.

Entre o agora e o nunca / J. A. Redmerski; tradução Michele Vartuli. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

Tradução de: The edge of never

361 p.: ISBN 978-85-8105-140-6

1. Romance americano. I. Vartuli, Michele de Aguiar. II. Título.

13-1815. CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Sumário

[Capa](#)
[Folha de Rosto](#)
[Crédito](#)
[Dedicatória](#)

[1](#)
[2](#)
[3](#)
[4](#)
[5](#)
[6](#)
[7](#)
[8](#)
[9](#)
[10](#)
[11](#)
[12](#)
[13](#)
[14](#)
[15](#)
[16](#)
[17](#)
[18](#)
[19](#)
[20](#)
[21](#)
[22](#)
[23](#)
[24](#)
[25](#)
[26](#)
[27](#)
[28](#)
[29](#)
[30](#)
[31](#)
[32](#)
[33](#)
[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[Sobre a Autora](#)

DEDICATÓRIA

Para amantes e sonhadores, e para quem nunca sentiu
de verdade nem uma coisa nem outra.

NATALIE ESTÁ ENROLANDO o mesmo cacho de cabelo há dez minutos, e isso está começando a me deixar louca. Eu balanço a cabeça e aproximo meu latte gelado, colocando estrategicamente os lábios no canudinho. Natalie está sentada à minha frente com os cotovelos apoiados na mesinha redonda, segurando o queixo com uma das mãos.

— Ele é lindo — afirma Nat, olhando para o sujeito que acabou de entrar na fila. — Sério, Cam, quer fazer o favor de olhar pra ele?

Eu reviro os olhos e tomo mais um gole.

— Nat — respondo, apoiando a bebida na mesa —, você tem namorado. Eu preciso mesmo ficar sempre te lembrando?

Natalie faz uma careta bem-humorada de desdém.

— Não sabia que você era minha mãe! — Mas Nat não consegue ficar muito tempo prestando atenção em mim, não enquanto aquele poço de sensualidade ambulante está de pé diante da caixa, pedindo café e bolinhos. — E Damon nem liga se eu olhar, desde que eu fique de quatro pra ele toda noite.

Eu bufo e fico vermelha.

— Viu? U-hu — ela diz, abrindo um sorriso. — Consegui te fazer rir. — Nat estende a mão para a sua bolsinha violeta. — Preciso fazer uma anotação — continua, pegando o celular e abrindo o diário digital. — Sábado. 15 de junho. — Ela corre o dedo pela tela. — 13h54: Camryn Bennett riu de uma das minhas piadinhas sexuais. — Depois ela enfia de novo o celular na bolsa e me olha com aquela expressão pensativa que sempre faz quando está para entrar no modo psicanalista. — Dá só uma olhadinha — insiste, sem brincar.

Só para ela sossegar, viro o queixo um pouco de lado para olhar rapidamente o sujeito. Ele se afasta da caixa e vai para a ponta do balcão, onde pega sua bebida. Alto. Maçãs do rosto perfeitamente esculpidas. Olhos verdes cativantes de modelo e cabelo castanho espetado.

— Tá — admito, voltando a olhar para Natalie —, ele é gato, mas e daí?

Natalie precisa admirá-lo enquanto ele sai pela porta dupla de vidro e passa em frente às vidraças antes de conseguir olhar para mim de novo e responder.

— Meu. Deus. Do céu! — ela exclama, de olhos arregalados e incrédulos.

— É só um cara, Nat. — Eu coloco os lábios no canudinho de novo. — Você devia andar com “obcecada” escrito na testa. Pra ser completamente obcecada, você só falta babar.

— Tá brincando comigo? — Sua expressão se transformou em puro choque. — Camryn,

você tem um problema sério. Sabe disso, não sabe? — Ela se encosta na cadeira. — Precisa aumentar a dose do seu remédio. É sério.

— Parei de tomar em abril.

— Quê? Por quê?

— Porque é ridículo — retruco com decisão. — Não tenho impulsos suicidas, então não tenho nenhum motivo pra continuar tomando aquilo.

Ela balança a cabeça e cruza os braços sobre o peito.

— Você acha que eles receitam esse negócio só pra quem tem impulsos suicidas? Não. Não é bem assim. — Ela aponta para mim rapidamente e volta a cruzar os braços. — É um lance de desequilíbrio químico, alguma porra dessas.

Eu abro um sorrisinho.

— Ah, é? Desde quando você entende tanto de saúde mental e dos remédios usados pra tratar as centenas de transtornos? — Ergo as sobrancelhas só um pouco, o bastante para mostrar o quanto sei que ela não faz ideia do que está dizendo.

Quando Nat franze o nariz para mim em vez de responder, eu continuo:

— Vou me curar no meu ritmo, e não preciso de um comprimido pra consertar as coisas. — Minha explicação começou delicada, mas inesperadamente ficou amarga antes que eu conseguisse acabar de dizer a última frase. Isso acontece muito.

Natalie suspira, e o sorriso desaparece completamente de seu rosto.

— Desculpa — digo, com remorso pela resposta atravessada. — Olha, eu sei que você tá certa. Não posso negar que tenho uns problemas emocionais bem complicados e que às vezes sou meio grossa...

— Às vezes? — ela resmunga, mas está sorrindo de novo e já me perdoou.

Isso também acontece muito.

Abro um meio sorriso também.

— Só quero encontrar as respostas por conta própria, sabe?

— Encontrar que respostas? — Nat está chateada comigo. — Cam — diz ela, inclinando a cabeça para o lado para parecer pensativa. — Detesto te dizer isso, mas na vida as merdas acontecem mesmo. Você precisa superar. Derrotar isso fazendo coisas que te deixam feliz.

Tudo bem, talvez ela não seja tão péssima terapeuta, no fim das contas.

— Eu sei, você tem razão — admito —, mas...

Natalie ergue uma sobrancelha, esperando.

— O quê? Desembucha, vai!

Dou uma olhada rápida para a parede, pensando a respeito. É tão comum eu ficar pensando na vida, ponderando cada aspecto possível dela. Quero saber que diabos estou fazendo aqui. Até agora mesmo. Neste café, com esta garota que conheço praticamente desde que nasci. Ontem me perguntei por que eu sentia necessidade de me levantar exatamente na mesma hora do dia anterior e fazer tudo como fiz no dia anterior. Por quê? O que motiva qualquer um de nós a fazer as coisas que fazemos, quando no fundo

uma parte da gente só quer se libertar de tudo?

Desvio o olhar da parede para a minha melhor amiga, que sei que não vai entender o que vou dizer, mas, como preciso botar isso para fora, digo da mesma forma.

— Você já imaginou como seria viajar pelo mundo com uma mochila nas costas?

Natalie fica sem expressão.

— Hã, acho que não — foi a resposta. — Deve ser... um saco.

— Bom, pensa nisso um momento — insisto, me apoiando na mesa e concentrando toda a atenção nela. — Só você e uma mochila com o indispensável. Nada de contas pra pagar. Nada de acordar na mesma hora todo dia pra ir pra um emprego que você detesta. Só você e o mundo à sua frente. Sem nunca saber o que o dia seguinte vai trazer, quem você vai conhecer, o que vai comer no almoço ou onde vai dormir. — Percebo que me perdi tanto nessas imagens que eu mesma devo ter parecido um pouco obcecada por um segundo.

— Você tá começando a me assustar — Natalie desconversa, me olhando do outro lado da mesinha com cara de incerteza. Sua sobrancelha erguida volta a se alinhar com a outra e ela diz: — E também tem que andar pra caramba, tem o risco de ser estuprada, morta e desovada numa estrada qualquer. Ah, e também tem que andar pra caramba...

Ela claramente acha que estou à beira da loucura.

— Enfim, de onde saiu isso? — Nat pergunta, tomando um gole rápido de sua bebida. — Parece algum tipo de crise de meia-idade, e você só tem 20 anos. — Ela aponta novamente, como que para salientar: — E nunca pagou uma conta na vida.

Nat toma mais um gole; segue-se um barulho desagradável de aspiração.

— Posso não ter pago — digo baixinho para mim mesma —, mas vou pagar quando for morar com você.

— Pode crer que vai — concorda Nat, tamborilando em seu copo. — Tudo rachado ao meio... peraí, você não está pensando em dar pra trás, está? — Ela fica imóvel, me olhando com desconfiança.

— Não, o trato continua de pé. Semana que vem, eu saio da casa da minha mãe e vou morar com uma vadia.

— Sua vaca! — Ela ri.

Dou um sorrisinho e volto a ruminar as coisas de antes que ela não entendeu, mas eu já esperava isso. Mesmo antes que Ian morresse, sempre tive ideias meio não convencionais. Em vez de ficar o tempo todo imaginando novas posições sexuais, como Natalie muitas vezes faz com Damon, o cara que ela está namorando há cinco anos, eu prefiro pensar em coisas que realmente importam. Ao menos no meu mundo, elas importam. Como é sentir o ar de outros países na minha pele, qual é o cheiro do oceano, por que o barulho da chuva me faz suspirar. "Você é muito cabeça", foi isso que Damon me disse em mais de uma ocasião.

— Ai, nossa! — Natalie diz. — Você é muito deprê, sabia? — Ela balança a cabeça com o canudo entre os lábios. — Vem! — exclama de repente, se levantando. — Não aguento

mais esses lances filosóficos, e acho que lugares estranhos que nem este te deixam ainda pior. Hoje à noite a gente vai pro Underground.

— Quê? Não, eu não vou naquele lugar.

— Você. Vai. Sim. — Ela joga o copo vazio na lata de lixo a um metro de distância e me segura pelo pulso. — Vai comigo desta vez porque, até onde eu sei, você é minha melhor amiga e eu não vou aceitar não de novo como resposta. — Seu sorriso de lábios cerrados se espalha por todo o seu rosto levemente bronzeado.

Sei que Nat está falando sério. Ela sempre fala sério quando me olha com essa cara: cheia de empolgação e determinação. Provavelmente vai ser mais fácil ir com ela esta noite e dar um fim nisso, senão ela nunca mais vai me deixar em paz. São ossos do ofício para quem tem uma melhor amiga mandona.

Eu me levanto e jogo a bolsa sobre o ombro.

— São só duas da tarde — digo.

Tomo o resto do meu latte e jogo o copo vazio na mesma lata de lixo que ela.

— Sim, mas antes a gente precisa comprar um modelito novo pra você.

— Hum, não — retruco decidida enquanto ela sai comigo pelas portas de vidro para o ar fresco do verão. — Eu já tô indo pro Underground com você, já tô pagando meus pecados. Me recuso a sair pra fazer compras. Já tenho muita roupa.

Natalie me dá o braço enquanto andamos pela calçada, passando por uma longa fila de parquímetros. Ela sorri e olha para mim.

— Tudo bem. Então me deixa pelo menos te vestir com alguma coisa do meu closet.

— E qual o problema com as minhas roupas?

Ela estufa os lábios para mim e estica o queixo, como se estivesse debatendo em silêncio por que preciso fazer uma pergunta tão ridícula.

— É o Underground — é o que ela diz, como se não houvesse resposta mais óbvia.

Tudo bem, até que Nat tem razão. Nós duas somos grandes amigas, mas no nosso caso, é aquele lance dos opostos que se atraem. Ela é uma roqueira que está apaixonada por Jared Leto desde Clube da Luta. Eu sou mais uma garota sossegada que raramente usa roupa escura, a menos que seja para um velório. Não que Natalie só use preto e tenha um penteado emo, mas ela jamais sairia em público vestindo alguma coisa do meu guarda-roupa porque, segundo ela, é tudo normal demais. Eu discordo. Sei como me vestir, e os meninos nunca reclamavam das roupas que eu escolhia, pelo menos na época em que eu ainda prestava atenção nos olhares que eles davam pra minha bunda quando eu usava meu jeans favorito.

Mas o Underground foi feito para gente como Natalie, portanto, acho que vou ter que suportar me vestir como ela por uma noite, só para me enturmar. Não sou maria vai com as outras. Nunca fui. Mas com certeza topo me tornar alguém que não sou por algumas horas se isso vai ajudar a me misturar, em vez de parecer a esquisita e chamar a atenção.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

